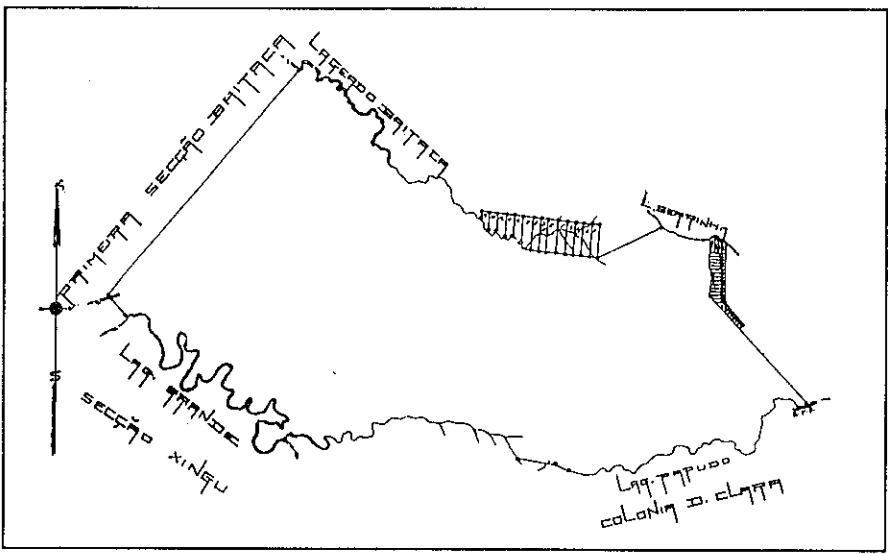


Queremos voltar para a nossa terra da **SERRINHA**



*Representantes das famílias
Kaingang banidas da Serrinha*

A gente teve que fugir

Esta é a nossa história e a nossa luta

Em 1963, eu vivia com a esposa e três filhos na Serrinha, onde a gente tinha nascido e nossos pais e avós sempre tinham vivido. Um dia a gente tava fazendo uma casa nova com varas, quando chegou o João Américo, que era o fiscal. Ele disse para não continuar a construção e mandou seus homens derrubar a armação de varas. Outro dia a gente voltou e levantou a casa outra vez e cobriu com palhas. Mas quando fazia um roçado novo ali perto, chegou de novo o fiscal e gritou novamente que parasse, pois **“aquela terra não era mais da gente. Agora era dos colonos que estavam arrendando”**. Quando voltamos no outro dia a casa estava derrubada outra vez. Levantamos três veis a casa e fomos trabalhar no roçado. O João Américo veio de novo e ameaçou a gente. Cansado de tanto sofrimento e injustiça, me joguei prá cima do fiscal, mas ele fugiu e gritou que outros homens vinham prender a gente. Ficamos com muito medo por causa da família. Já tinham prendido e matado muita da nossa gente. Tavam carregando o pessoal de caminhão, carregando à força, e levavam para outra área. Naquela noite eu, a esposa e as filhas fugimos a pé até Nonoai.

Isidoro de Paula, índio da Serrinha.

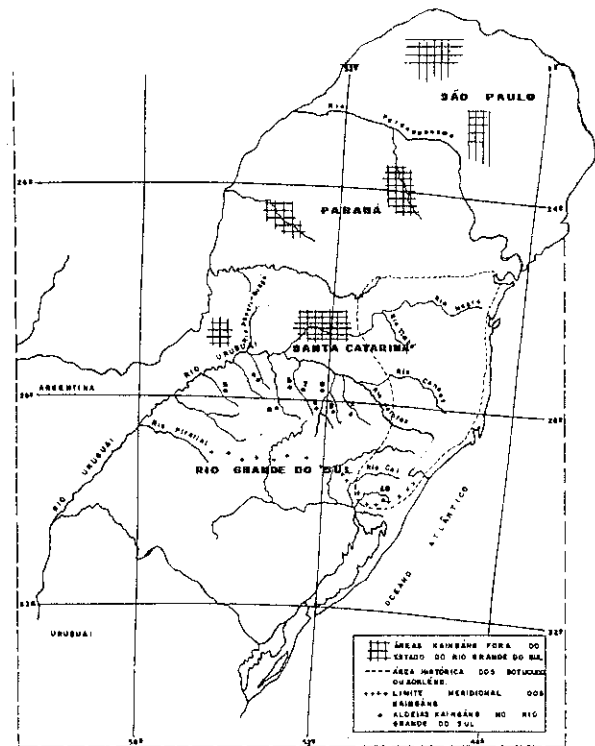
Nosso pedido é prá todo o mundo conhecer nossa história e ajudar nesta luta para recuperar a nossa terra da Serrinha.

Por isto a gente vai contar para vocês a nossa história. É uma história de muito sofrimento e de muita luta.



I - Antigamente era assim

Até o ano de 1800, nosso povo Kaingang era muito numeroso e vivia em paz. Nosso território era muito grande. Ia desde São Paulo até o Rio Grande do Sul. Quando os paulistas chegaram, encontraram os Kaingang em toda esta terra, como mostra o mapa.



Por muitos séculos vivemos nessa região. Da nossa mãe terra, a gente tirava o sustento para nossas famílias. Os rios eram limpos e tinha pesca que nunca acabava. Toda região era coberta por muito mato, cheio de caça e frutas. A gente conhecia todo nosso território e vivia muito tranquilo.

Mas a partir de 1800, quando o homem branco foi chegando, tudo foi acabando para nós.

Nossa terra foi invadida e nosso povo atacado. Primeiro chegaram os portugueses e espanhóis e a nossa terra foi sumindo. Eles foram se adonando. A gente tentou resistir, mas não deu. Eles tinham armas de fogo e eram muitos. A gente sofreu, nossas crianças, nossas mulheres sofreram muito na mão deles.

A gente resistiu muito e conseguimos segurar uns pedacinho de terra para nós. E assim se ajiteimo de novo.

Mas daí chegaram os alemães e os italianos e então começaram a perseguir de novo e colocaram a gente preso nos aldeamentos.

2 - A prisão dos aldeamentos

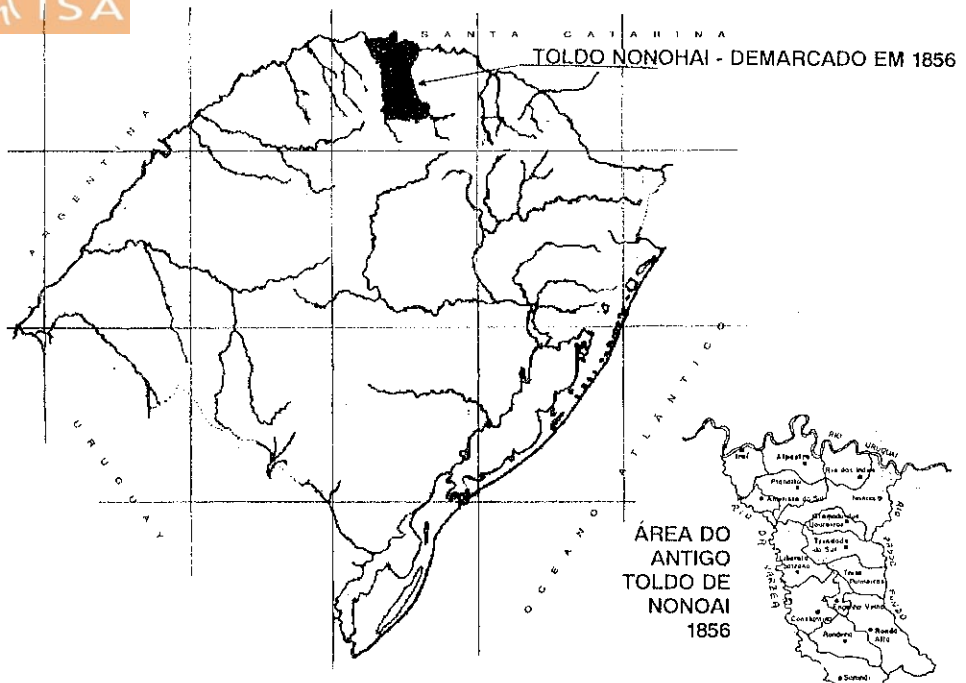
Para entregar as nossas terras para os colonos, os governos e as igrejas caçavam a gente e prendia nos aldeamentos. Depois iam colocando colonos nas nossas terras, abrindo estradas, derrubando e tacando fogo no mato.

Dentro do aldeamento nos obrigaram a ter uma cultura diferente da nossa. Tivemos que se vestir diferente, comer diferente, pensar diferente. A gente foi obrigado a ter uma religião diferente, e dizer que a religião deles era melhor que a nossa. Tivemos até que falar e nos comportar do jeito que eles queriam.

Antes a gente vivia numa grande família, vivia bem, em conjunto. Mas aí eles disseram que isto era errado e tinha que separar e viver sozinho. Tudo o que a gente tinha e pensava devia ser deixado para trás. Quando alguém de nós não aceitava isto era perseguido e morto. Nossos avós contam que quando um de nós reagia e matava um branco, de castigo, eles matavam mais de cem dos nossos.

A gente nunca aceitou esta dominação e exploração e lutamos para manter nossas terras. Por isto, em 1856, o governo do Estado foi obrigado a demarcar algumas áreas de terras, que deveriam ser usadas somente pelos Kaingang. Essas áreas foram chamadas de aldeamento do Guarita, de Campo do Meio e de Nonoai. Eram aldeamentos grandes, mas já era só uma parte do que a gente tinha antes.

O de Nonoai, que era o maior, tinha cerca de 420.000 ha, como mostra o mapa a seguir.



Mas isso também durou pouco. O próprio governo incentivava que mais e mais colonos fossem invadindo, expulsando, escravizando ou matando os índios. Os diretores de aldeamentos e os religiosos, que eram os que deveriam administrar as nossas terras, viraram contra nós. Vendiam as terras para colonos, faziam plantações e escravizavam os índios.

Isto foi no tempo em que o cacique Nonoai estava vivo.

Pouco tempo depois, por volta de 1900, a gente ficou sem nada. Vivía em grupo escondido nos matos, ou andando de um lado para outro, escondido dos colonos prá não ser morto.

3 - A demarcação da Serrinha

Mas nossa luta continuava. E assim, no ano de 1908, o velho cacique Pedro da Serrinha foi a pé até a capital, Porto Alegre, para falar com o governador do Estado, que era o Dr. Carlos Barbosa. Esta notícia até foi publicada no jornal daquele dia, que era 26 de julho. O jornal conta bem assim essa história:

“O General Firmino de Paula foi ontem à 10,30 horas ao Palácio apresentar ao Dr. Presidente do Estado os dois caciques dos índios coroados, com aldeamento na Serrinha, em Nonoai. O Dr. Carlos Barbosa recebeu-os carinhosamente e indagou dos motivos que os haviam trazido a esta capital. O cacique-mor Antonio Pedro de Nonoai expôs que sua tribo, vivendo nas proximidades de Serrinha, desde tempos imemoriais, na mais pacífica das posses sobre as terras que ocupam, está, há algum tempo, sendo constantemente perseguida por intrusos que pretendem desalojá-la. Considerando esta violação de seus direitos e dos de sua tribo, o referido cacique vinha pedir ao Papai Grande para lhes mandar garantir a posse das terras e contínua tranqüilidade. O Dr. Carlos Barbosa respondeu-lhe que tomando na devida consideração o justo pedido, maxime em estando na convicção de que aos ditos índios assiste direitos incontestáveis de posse sobre as terras de que eles foram os primitivos habitantes, posse essa que o Governo lhes deveria assegurar, respeitando-lhes a vida e o regime por que se governam, ia tomar as providências precisas para que se não fizesse nenhuma usurpação de suas terras.

Neste sentido, o Dr. Carlos Barbosa, dirigindo-se ao Dr. Cândido Godoi, secretário das Obras Públicas e então presente, determinou-lhe que mandasse o Dr. Augusto Pestana, com o pessoal que fosse necessário, aos aldeamentos desses índios, proceder a medição e a demarcação da zona por eles até agora ocupada”. (**Correio do Povo, 26 de julho de 1908**)

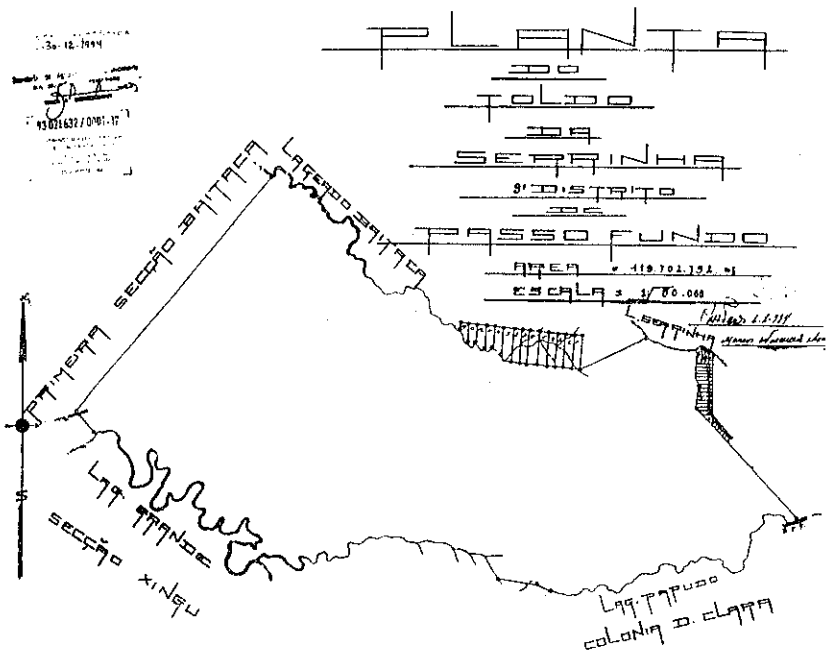
Aquele foi o único governador que ajudou mesmo os índios. Por causa do seu trabalho, em 1911 o Toldo da Serrinha já estava demarcado. Mas isto não foi um presente do governador. Foi a luta dos índios.

Todos os colonos que tinham invadido essas nossas terras o governo ia assentando noutra lugar. Os próprios colonos acabavam

entendendo que isto era o certo, pois a terra era dos índios e eles não podiam ficar lá dentro. Foi isto que escreveu o Sr. Torres Gonçalves num relatório para o Governador Carlos Barbosa:

“Quanto aos colonos estabelecidos dentro das terras demarcadas para os índios, eles tem sido convencidos, retirados e reassentados em lotes medidos e demarcados noutras terras, em condições melhores do que as que se encontravam antes. Na maioria dos casos eles tem recebido bem esta solução conciliadora dos deveres do Estado para com os índios como para com eles próprios.” (Relatório da Secretaria de Obras do Estado do Rio Grande do Sul, 1911).

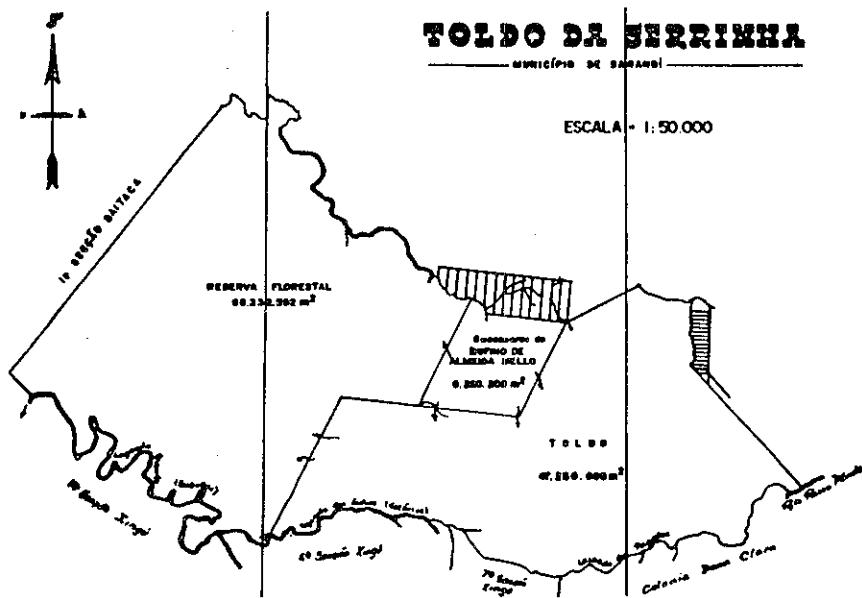
Serrinha foi demarcada com 11.950 ha. Era uma área de terra pequena, comparada com a terra que nós tínhamos no passado, mas parecia que finalmente nós teríamos agora a proteção do governo, que não deixaria mais que invadissem nossas terras.



Mas a tristeza para nossa gente parecia que não iria acabar nunca. Depois de alguns anos, os funcionários que o Estado colocou para administrar e cuidar de nossa terra começaram de novo a fazer sujeiras. E a gente começou a sofrer de novo até que perdemos tudo.

4 - A primeira invasão: o começo da desgraça

Começou em 1941. O governador, Cordeiro de Farias, decidiu passar a administração da Serrinha para o Governo Federal, para o Serviço de Proteção ao Índio - o SPI, mas primeiro ele tirou um grande pedaço da nossa terra, 6.624 ha, e disse que era para ser um Parque de preservação florestal. Tirou ainda outro pedaço, de 660 ha, e disse que este não pertencia para os índios, pois tinha sido demarcada junto, por engano, com a área em 1911, e que pertencia para um tal de Rufino de Almeida Mello (veja no mapa a seguir).



Em 1949, outro governador do Estado, Walter Jobim, fez o Decreto nº 658, que oficializou o PARQUE ESTADUAL DA SERRINHA, com 6.624 hectares.

Foram duas grandes safadezas do governo. E o pior é que depois nem transferiu para o SPI a área de 4.725 ha que restou para os índios, pois ele queria mesmo era acabar com ela aos pouquinhos, como fez depois.

O Governo disse, naquela vez, que a gente podiam continuar usando o Parque Florestal. Mas foi tudo mentira. Quando a gente

entrava lá era preso e apanhava. Nossos avós contam que os funcionários passavam de cavalo de casa em casa dizendo: “todo mundo tem que sair daqui e descer lá para o Alto Recreio e ficar só perto do Lageado dos Papudos”.

5 - A segunda invasão: a destruição do Parque

“Quem não gostava de viver no tronco acabava tendo que entregar as terras para os colonos”

Foi nessa época, por volta de 1940, que os funcionários do Estado começaram a arrendar as nossas terras para colonos e fazendeiros plantar. Esse arrendamento foi a pior coisa que aconteceu. Por causa do arrendo é que a gente acabou perdendo toda a nossa terra da Serrinha.

Quando um colono começava a arrendar, ele e os funcionários da aldeia faziam contratos e diziam que depois isto dava direito para os colonos irem ficando com as terras e apertando os índios nos cantos.

O arrendamento foi que nem uma doença que foi entrando na nossa terra e contaminando tudo aos pouquinhos, até que acabou matando toda terra e toda nossa gente. Não adiantava reclamar, pois eram as autoridades que faziam tudo e até chamavam a polícia para perseguir quem lutava contra os arrendatários.

Nesse tempo, eles também mataram muito índio.

Têm o João Isaías, que foi morto a pedrada lá na estrada que vinha do Engenho Velho para o Alto Recreio. Ele foi morto por uma família de colonos, que moravam dentro da área e faziam arrendamento. O Joaquim Alfaiate também foi morto logo depois, do mesmo jeito que o João Isaías. Foi na estrada que vai do Alto Recreio para a Linha Bonita. Nós sabemos quem foi que mataram eles. Os índios eram morto à pedrada e depois eles jogavam os corpo nas sanga. Tempo depois a gente encontrava os morto e enterrava eles e nem avisava a polícia porque não adiantava nada.

Por causa do arrendamento também, todo o mato do Parque foi destruído. Virou tudo capoeira e plantação. Depois de tudo destruído, o governador Meneghetti enganou os deputados e fez eles aprovarem uma Lei. Aquela Lei permitia vender 6.624 ha de terras do Estado para colonos, mas na Lei não dizia que essa terra era dos índios, nem dizia que também eram as terras do Parque Florestal da Serrinha. O Governador mentiu porque foram os amigos dele que destruíram o Parque, venderam a madeira e colocaram os colonos lá dentro. O Estado devia proteger o Parque, como os índios sempre tinham feito, mas foi ele que destruiu tudo.

Lei nº 3.381, de 6 de janeiro de 1958.

Art. 1º - Fica o Estado autorizado a alienar uma gleba de terras de sua propriedade, situada no município de Sarandi, lugar denominado “Serrinha”, com área de 6.624 ha.... confrontando-se ao Sul e Leste com o Tldo “Serrinha”...

6 - A terceira invasão: quando todo mundo foi expulso

A gente tava vivendo apertado. Quase não tinha terra, mas pensava que agora eles íam deixar a gente em paz naquele pedacinho que sobrou. Mas a enganação não terminou aí.

Mais ou menos em 1955, vieram uns administradores para a Serrinha que eram pior que os outros: era o Adelqui Morgante e o Nei Mesquita, e eles tinham um fiscal chamado João Américo, que era o pior bandido.

Esses chefes de posto continuaram pressionado para que a gente saísse das terras e continuaram arrendando para colonos. Não sobrava nenhum pedacinho de terra para nossas famílias plantar. Tudo isto provocava muita briga e confusão. Muitos índios eram presos e

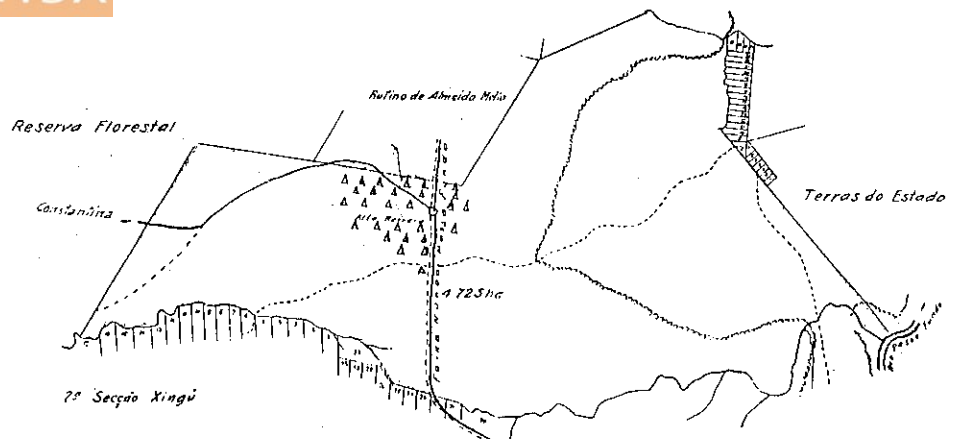
torturados. E assim muitas famílias acabavam fugindo para outras áreas indígenas.

A índia Carmelina Moreira conta como aquele tempo era muito triste.

“Eu vivia na Serrinha com meu marido Sabino Portela e 5 filhos. A gente tinha nascido lá e via toda aquela roubalheira e não podia fazer nada. Mas a gente não calava e protestava. Por isto nós já tinha sido preso e torturado no tronco muitas vezes. Até hoje eu estou aleijada de uma perna por causa das torturas. Num dia, em 1959, nós tava na roça da comunidade debulhando milho para fazer farinha. Tinha autorização do cacique para isto. Aí chegou de cavalo o João Américo. Ele mandou que a gente fosse embora e deixasse o milho já debulhado, que era mais ou menos um saco. Eu falei pro meu marido e filhos: “vamos embora” e chutei todo o milho no chão. O João Américo ficou brabo e gritou que a gente seria preso e foi buscar alguns homens para isto. Meu marido então falou: “acho que é melhor a gente ir embora de uma vez daqui, como muitos já fizeram, porque o nosso cacique manda colher e o fiscal rouba tudo”. A gente vivia sempre com medo. Naquela noite nós fugimo a pé até Nonoai. Lá na Serrinha chegamo a ter uma roça muito grande, mas nos últimos anos foi perdendo tudo para os arrendatários, que cada vez avançavam mais com as cercas sobre nossa terra.”

Depois de 1955, os funcionários da Secretaria da Agricultura do Estado, o Antônio Pereira de Souza, o Petronio Fagundes de Oliveira e o José Castelhana Rodrigues, junto com os funcionários da área indígena, decidiram que os índios que ainda moravam na Serrinha “tinham muita terra”. Disseram então que devia ser dado mais um pouco da nossa terra para os colonos sem terra. Daí eles tiraram mais 3.665 ha dos 4.725 ha que tinha sobrado para nós.

A gente foi empurrado para o último cantinho da nossa antiga terra, um pedaço de 1.060 hectares (veja o mapa abaixo). Era só o que sobrava dos 11.950 ha que tinham sido demarcados. E mesmo assim continuava a entrar mais arrendatários nesse pedacinho.



TÓLDO SERRINHA : - Com 55 famílias indígenas, área necessária:-

As terras	10,600,000 m2.
Área disponível.....	36,650,000 m2.
T O T A L	47,250,000 m2.

O Mesquita, o Morgante e o João Américo estavam decididos acabar com o restinho da nossa terra. O governo estava no lado deles. O nosso povo continuava sendo pressionado para abandonar a terra. Tinha muita gente que fugia, outros eram presos e torturados. As casas eram derrubadas com cavalos e com fogo. Cada dia entrava mais colono. Ninguém se importava com os índios e não tinha ninguém que nos ajudasse.

O índio Antônio Farias lembra muito bem quando foi expulso.

“Eu saí um dia bem cedo para vender uns balaios. Trouxe umas galinhas que consegui fazer brique pelo artesanato. Pedi para minha esposa, Marica Farias, preparar umas galinhas para o almoço. Já tava tudo no fogo quando chegou o João Américo, dizendo que a gente tinha que ir embora para Nonoai, senão os colonos iriam nos matar. Quando nós vimos, trouxeram um caminhão. O caminhão tava esperando lá em cima do barranco. O fiscal pegou a panela e derramou o caldo da galinha no chão e disse: “pega toda tuas troxa, terminem a comida lá em Nonoai”. Eu a mulher e filhos tivemos que sair correndo, levando só umas coisinha que conseguimos juntar. O caminhão já tava cheio de madeira em cima que era nossas casa, que eles desmanchavam nossas casa pequena. Faziam uma escada prá subi as mulheres e as crianças. Os índios tava tudo com medo. Tinha os comandante junto.”

assim tudo acabou no ano de 1963. Nossas últimas família foram expulsas e o governo deu os 1.060 ha que sobraram para os colonos. Nossa gente ficou tudo espalhada noutras áreas indígenas, em Nonoai, em Votouro, em Rio da Várzea. Muitas famílias foram morar nas vilas das cidades, em Sarandi e até em Porto Alegre. Algumas famílias ficaram trabalhando como agregados e diaristas para os próprios colonos invasores das nossas terras. Ainda tem algumas trabalhando assim na Serrinha.

Queremos a Serrinha de volta

Mas a gente nunca esqueceu. Nem desistimos de recuperar a Serrinha de volta. Nós sabemos que a terra é do índio. Sempre foi do índio e até as leis dizem isto. A Constituição do Brasil de 1934 já garantia que a terra do índio nunca podia ser tirada e vendida.

Os próprios deputados fizeram uma CPI em 1968 que disse que tudo isto tinha sido uma baita sujeira contra os índios. Mas os governadores nenhum fez nada até agora. Por causa da nossa luta já fizeram um monte de reunião e muita promessa. Todo mundo, os governadores, os deputados, a FUNAI, diz que vai devolver nossa terra, e reassentar os colonos, mas na realidade não acontece nada.

Tudo o que o Estado e seus funcionários fizeram foi contra a Lei e contra a Constituição. A gente conhece os nossos direitos e queremos a Serrinha de volta para nós, pros filhos e netos.

Em 1993, um grupo de nossas famílias acampou na nossa terra da Serrinha e lutou para que ela fosse devolvida para nós. Eles sofreram muita pressão e perseguição e até tiro levaram. Por isto tiveram que parar um pouco. Aquilo não deu certo. Mas a gente não desistiu e não vai mais parar. Porque isto é o nosso direito. A gente tem este direito que até está escrito na Constituição Federal.

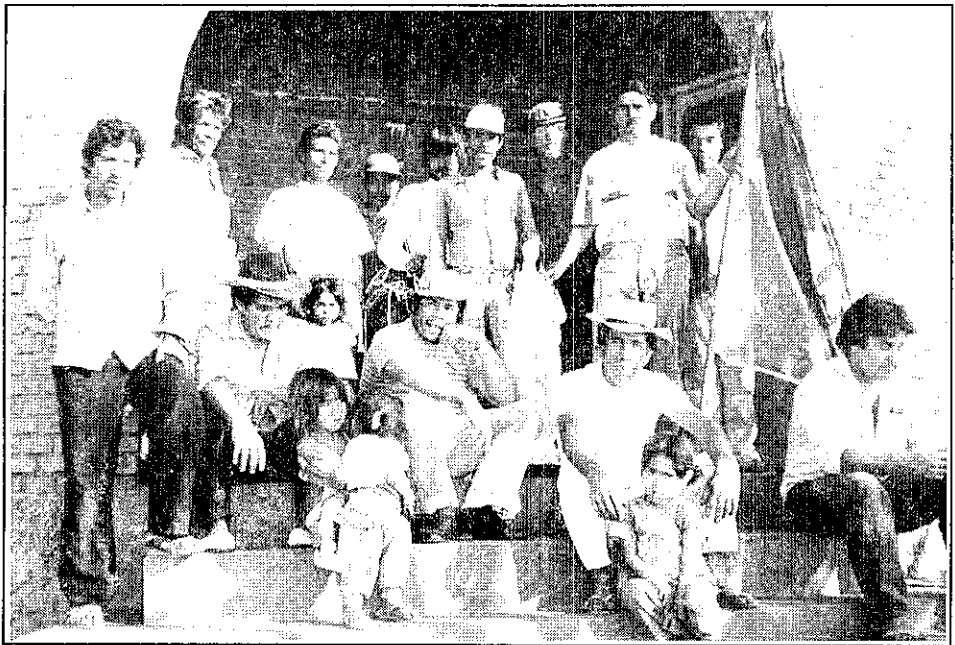
Vamos lutar até o fim para que toda esta sujeira e maldade seja reparada. Queremos a terra de volta, sem os colonos dentro, e quere-

mos ser indenizados por todo prejuízo e sofrimento que tivemos. Queremos também que todos que fizeram isto e que ainda estão vivos sejam punidos, para servir de exemplo para nunca mais isto acontecer de novo nas terras dos índios.

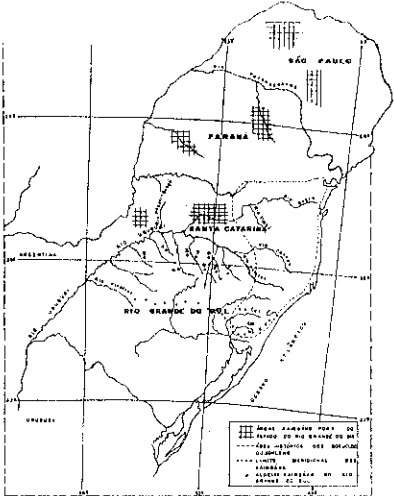
Esta é a nossa história verdadeira.

Setembro de 1996.

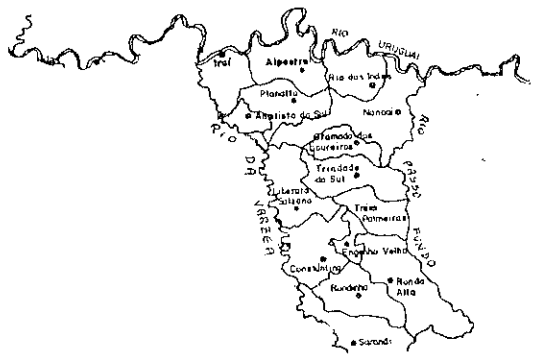
Representantes das famílias banidas da Serrinha que estão em Nonoai, Rio da Várzea e Votouro.



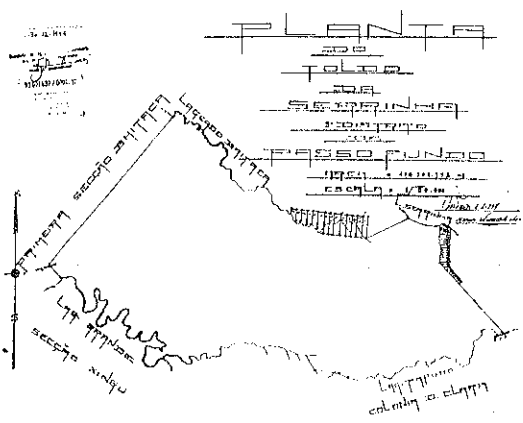
nossa terra em 1800



nossa terra em 1856
420.000 ha



nossa terra em 1911
11.950 ha



nossa terra em 1963
0,00 ha

